



BAUMAN, Zygmunt. *Ética e valores humanos*. In: BAUMAN, Z. **Bauman sobre Bauman**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p.53-81. Excertos. Grifos do autor.¹

p.54 – Trata-se de uma pergunta muito comum: os seres humanos são “bons por natureza”, como insistia [Rousseau], ou “por natureza” maus, como presumia Hobbes? Minha resposta a essa pergunta seria: nenhuma das duas coisas, e, se o fossem, não saberíamos. O que podemos razoavelmente supor, contudo, é que os seres humanos são “por natureza” *morais*; e que ser moral talvez seja o atributo constitutivo da humanidade, um traço que torna singular a condição humana e a distingue de qualquer outro modo de ser e estar no mundo. O próprio fato de se fazer a pergunta sobre a bondade ou maldade da natureza humana (o fato de ela *poder* ser feita) é toda a prova de que este é o caso.

“Ser moral” não significa necessariamente “ser bom”, mas ter comido da árvore do bem e do mal e saber que coisas e atos podem ser bons ou maus. Ora, para saber isso, os seres humanos precisam de outro conhecimento, anterior a esse: que as coisas e os atos poderiam ser diferentes do que são. Poderíamos refletir sobre o que isso tem a ver com a partícula “não”, presente em todas as línguas usadas pelos seres humanos para transformar o mundo lá fora no *Lebenswelt*, a existência na experiência. O “não” só faz sentido porque se presume que seja possível agir de mais de uma forma, ou que as coisas “lá fora” podem ser arrançadas de mais de um jeito. O “não” implica que as coisas *não têm de ser como atualmente são*, que elas podem ser alteradas, tornadas melhores, também. Não fosse por isso, não se falaria de moral: moral, afinal (e talvez *em primeiro lugar*), tem a ver com *escolha*. Sem escolha não existe moral. “A montanha é fria, mas não é má. Os ventos derrubam árvores, mas não são malvados” – como disse Ahaon Appelfeld, um dos maiores autores de contos morais de nossa época.

Sobre a condição básica de saber que as coisas poderiam ser diferentes há muitos comentários divinos, seculares, cívicos ou hedonistas. Mas todos acompanham (justificam e sustentam) o esforço de dar preferência a algumas alternativas em relação a outras. A esse esforço dou o nome de “ética”: o projeto de dar a certas ocorrências um maior grau de probabilidade do que elas teriam, e de reduzir ao mínimo a probabilidade de suas alternativas, ou eliminar de toda sua possibilidade. É isso que significa “sociedade”.



p.55 – [...] Tudo isso – sociedade, ordem social, cultura – seria inconcebível se a moral não fosse a condição básica dos seres humanos. [...] Sou tentado a afirmar que a sociedade é um mecanismo que ajuda os seres humanos a lidar com o destino de serem seres morais, e esse destino é a necessidade de fazer escolhas com o conhecimento [...] de que são apenas escolhas. A sociedade grava os padrões de ética sobre a maleável matéria-prima da moral. [...]

p.56 – Ser moral significa saber que as coisas podem ser boas ou más. Mas não significa saber, muito menos saber com certeza, *quais* são as coisas boas e *quais* as más. Ser moral significa tender a fazer certas escolhas sob condições de aguda e dolorosa incerteza. [...]

p.57 – [...] A busca inquietada e incansável das formas de afastar o mal dificilmente poderia seguir uma linha reta, pois os passos que esperamos sejam bons trazem em geral novos males; e, quando examinados mais de perto, não parecem tão bons quanto se esperava.

Acho que o itinerário humano (individual ou coletivo, biográfico ou histórico) parece mais um pêndulo do que uma régua. Para seres lançados numa situação moral, a consistência sustentada pela régua não é necessariamente uma virtude. Para os seres humanos que comeram da árvore do bem e do mal (uma refeição que oferece considerável conhecimento do mal, mas uma ideia bastante nebulosa do bem), ela é, me parece, uma impossibilidade. [...]

p.58 – Fico muito contente por [considerarem] minha obra “impregnada de compromisso ético”. Assim eu queria que ela fosse, embora, como pessoa moral, não me atreva a dizer que ela o seja, pelo menos *suficientemente*. Mas suspeito de que ela estaria saturada de ética, fosse ou não este o meu desejo consciente. Não acredito que um estudioso da realidade humana possa ser eticamente *neutro*. A única escolha com que nos defrontamos é entre a lealdade aos humilhados e à beleza e a indiferença a ambos. É como qualquer outra escolha com a qual um ser moral se defronta: entre assumir e recusar a assumir a responsabilidade pela própria responsabilidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

DISCIPLINA *Ética da informação*
PROFESSORA: Dra. ISA MARIA

¹ Compilação: Profa. Dra. Isa Maria Freire